

NO CINEMA COM SAUSSURE E LACAN: O SISTEMA QUE MOVE A LÍNGUA E O INCONSCIENTE

Natanael Duarte Azevedo *
José Temístocles Ferreira Júnior **

Resumo

A presente pesquisa contribui com a aproximação que fazemos entre a linguística saussuriana e a psicanálise lacaniana, com uma melhor compreensão desta estrutura que Lacan diz ser a do inconsciente e que ele mesmo afirma ser semelhante a uma estrutura de linguagem. Analisaremos um filme, segundo as teorias propostas por Saussure (relações sintagmáticas e associativas) e Lacan (movimentos de metáfora e de metonímia). Salientamos que a análise busca inferir dos crimes cometidos pelo assassino (sujeito) do filme *Seven*, de David Fincher, os movimentos de linguagem, como deslizamentos, tanto do ponto de vista da linguística como do ponto de vista da psicanálise.

* Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba.

** Doutorando em Linguística do PROLING da UFPB

Palavras-chave: linguística; psicanálise; cinema; sujeito.

Considerações iniciais

Tratar da linguística saussuriana é, antes de tudo, resgatar um momento da história da Linguística e devolver Saussure ao espaço que lhe cabe no âmbito das ciências humanas.

Saussure nos foi apresentado na academia como o “teórico do signo”, ou, para alguns, o “teórico ultrapassado”. Foi exatamente pelas críticas ouvidas em torno de Ferdinand de Saussure que criamos uma grande admiração surgida através de um questionamento: como o “Pai” da linguística podia ser tão desnecessário em nossos estudos acadêmicos, se os livros indicados para leitura trazem Saussure ou para criticar ou para citar sua importância na linguística?

Desde então, nossas leituras de Saussure se tornaram descobertas de um grande tesouro teórico, como o próprio mestre diz “o tesouro da língua”, trilha que nunca mais quisemos abandonar e sempre fizemos questão de trazer à discussão algo da teoria saussuriana que nos servia para entender uma nova corrente ou pensamentos sobre a língua(gem).

O “teórico do signo” passou então a fazer parte de todo o nosso percurso

acadêmico, não apenas nas questões em torno do signo linguístico, mas de como olhar com o amor pela ciência e pela pesquisa a partir dos postulados saussurianos.

Se pensarmos no grande movimento que foi o estruturalismo, automaticamente trazemos à baila a figura ou os pensamentos de Saussure. Grandes nomes desse movimento, como Pêcheux, Jakobson, Lacan etc., viram em Saussure um terreno fértil para o desenvolvimento teórico. Trataremos em especial o último caso – Lacan, que muito estudou sobre os pensamentos do mestre genebrino.

Nosso trabalho busca entender o que foi o sistema linguístico postulado por Saussure e como a partir dessa noção de língua como sistema podemos chegar à teoria proposta por Jacques Lacan sobre o sujeito. Nossa proposta não é seguir exatamente os passos de Lacan, mas, pelo contrário, nosso grande objetivo é mostrar porque a linguística saussuriana serviu de ciência-piloto para o estruturalismo europeu e como podemos pensar uma língua que dá suporte teórico para uma teoria tão complexa como a do inconsciente na psicanálise lacaniana.

Essa discussão da relação entre a linguagem e o inconsciente, ou melhor, entre



a linguística e a psicanálise, não constitui um ponto novo nas pesquisas desenvolvidas pela academia, mas outro elemento pode ser acrescentado a essa possibilidade de interface, produzindo um novo saber: o cinema.

É nessa teia de movimentos de linguagem e de inconsciente que colocamos o cinema como objeto analisável dos movimentos da língua, servindo, assim, de fio condutor para a observação de movimentos de linguagem e de inconsciente que estruturam o sujeito (personagem) do filme.

Do lado do cinema, preocupamo-nos, principalmente, com a não aceitação do conceito de verossimilhança aristotélica (a lógica interna da obra), fato este que desviaria o foco de nosso trabalho, já que teríamos que analisar a construção da personagem pelo viés da teoria da arte. Ressaltamos que nosso intuito é identificar traços que constituem as personagens do filme. Esse olhar clínico sobre as personagens (sujeitos) se dará segundo a teoria psicanalítica lacaniana. Mas, gostaríamos de ressaltar que não é nossa intenção enquadrar o personagem numa determinada estrutura clínica, uma vez que entendemos que se trata de sujeitos da ficção e nossa formação acadêmica não é na clínica lacaniana.

Objeto-língua: inquietações de Saussure

Escolher a palavra texto para designar *Saussure* quer dizer que nós não nos situaremos em uma perspectiva de "cientificidade". Considerado no desenvolvimento das ciências da linguagem, para a maior parte dos lingüistas de hoje, o momento saussuriano é datado e, por isso mesmo, ultrapassado, qualquer que tenha sido sua consequência histórica. Um linguista pesquisador pode muito bem passar sem ele, conhecendo-o apenas por ouvir dizer ou por vagas lembranças; este é, inclusive, o caso geral. Mas ele é ainda um texto de ideias, de reflexão absolutamente original sobre a linguagem, a especificidade do objeto-língua, as armadilhas da evidência e da trivialidade nas ciências humanas, e, como tal, sua leitura torna-se estimulante, mesmo para os linguistas. (NORMAND, 2009. p. 18-19)

Sobre a linguística saussuriana, levantamos questões sobre os estudos dos capítulos do Curso de linguística geral (CLG), de Saussure, nos quais podemos verificar que o autor, na tentativa de dar caráter científico ao objeto língua, ou melhor, tratar de forma mais objetiva uma abordagem linguística, toma como ponto inicial de seus estudos o objeto a ser investigado, a língua e sua funcionalidade como sistema de signos.

Essa nova perspectiva de abordagem do objeto-língua, antes de qualquer coisa, fugiu dos padrões comparativistas da época, final do Séc. XIX, que permeavam os estudos linguísticos, e passou a identificar sua funcionalidade através da identificação desse objeto com a ideia de um sistema de signos.

É a partir do conceito de sistema, proposto por Saussure, que a linguística exercerá o papel de ciência piloto para os estudos estruturalistas europeus no quadro das ciências humanas, tais como, antropologia (Lévi-Strauss), literatura (Roland Barthes), psicanálise (Jacques Lacan), filosofia (Merleau-Ponty), entre outros. Ou como diz Hjelmslev:

Aderimos explicitamente ao passado em certos pontos a respeito dos quais sabemos que outros conseguiram resultados positivos antes de nós. Um único teórico merece ser citado como o **pioneiro indiscutível**: o suíço Ferdinand de Saussure. (apud NORMAND – em epígrafe, 2009) (o grifo é nosso)

Por isso trazemos à baila uma releitura de Saussure, que muito contribuiu, não apenas para a afirmação da linguística enquanto ciência, como também, para outras ciências humanas.

O Sistema da língua: um novo campo para linguística

A língua, ou o sistema semiológico, qualquer que seja, não é um barco no estaleiro, mas um barco lançado ao mar. Desde o instante em que ele tem contato com o mar, é inútil pensar que é possível prever seu curso sob o pretexto de que se conhece exatamente as estruturas de que



ele se compõe, sua construção interior segundo um plano. Ora, 2º visto que acabei de dizer que duas coisas resultam da entrada de um sistema de signos na coletividade. Qual é a verdadeira, o barco sob uma cobertura, nas mãos dos arquitetos, ou o barco no mar? Certamente não há nada, como barco no mar, que seja capaz de revelar o que é um barco e, acrescentamos, que seja mesmo um barco um objeto propriamente oferecido ao estudo como barco. (SAUSSURE, 2004, p. 248-249).

É importante percebermos em Saussure (2006) a necessidade de um sistema, uma vez que, segundo o autor, o elemento isolado na língua não tem nenhum valor e o que condicionará o real valor desse elemento (signo linguístico) é sua função, sua relação (semelhança/dessemelhança) com outros elementos dentro do sistema. Salientamos também que é preciso compreender a noção de sistema tendo como base os estudos realizados por Saussure sobre as dicotomias (língua/fala; significado/significante; diacronia/sincronia, entre outras), nas quais observamos a impossibilidade de se tomar um elemento de forma isolada, e é aí onde muitos linguistas pecam a respeito dos estudos saussurianos, justamente por analisarem o signo de forma descontextualizada ou excludente, sem o situar em relação a outros elementos linguísticos, daí a primazia da funcionalidade no sistema.

Para Saussure, determinar como objeto primeiro, dos estudos da linguística, a língua é, antes de tudo, eleger um ponto de partida gerado por um ponto de vista, pois só assim é possível criar o objeto a ser estudado. Como vemos no CLG (SAUSSURE, 2006, p. 15): “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”.

A cerca da natureza do signo linguístico, Saussure levanta conceitos para dar propriedade à teoria de língua como um sistema, tais como: considerações do signo linguístico, arbitrariedade do signo e caráter linear do significante.

Sobre o signo linguístico, verificamos a essência do conceito saussuriano de língua não como uma nomenclatura, ou seja, determinados termos que correspondem a determinadas coisas, mas sim como o autor

explica como sendo: “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica” (SAUSSURE, 2006, p. 80). Por “conceito” entendemos o significado e por “imagem acústica” entendemos o significante.

Trataremos o signo linguístico exatamente nessa relação entre significado e significante. Sobre o signo linguístico, Saussure é enfático na discussão de que não é possível existir o signo isolado, ou seja, o signo só é concebido como tal, funcionando por semelhança e por dessemelhança dentro do sistema. Se tomarmos o signo de forma isolada, teríamos a língua como nomenclatura, visão criticada e refutada por Saussure.

Saussure ressalta também a necessidade de estudarmos o significado associado ao significante, pois apenas assim atestaremos uma entidade linguística.

[...] na língua, um conceito é uma qualidade da substância fônica, assim como uma sonoridade determinada é uma qualidade do conceito. Comparou-se amiúde essa unidade de duas faces com a unidade da pessoa humana, composta de alma e corpo. A comparação é pouco satisfatória. Poder-se-ia pensar, com mais propriedade, numa composição química, a água por exemplo; é uma combinação de hidrogênio e de oxigênio; tomado separadamente, nenhum desses elementos tem as propriedades da água. (SAUSSURE, 2006, p. 119-120)

A partir desse conceito de signo, resultante da união entre significante e significado, entenderemos o que Saussure propõe como arbitrariedade.

Esse conceito proposto por Saussure requer uma atenção para que entendamos o cerne da produção dos sentidos. É pelo conceito de arbitrariedade que o autor deixa claro, para quem estuda sua teoria, que a linguística não trabalha com o signo em si, mas com sua relação dentro de um sistema, para assim produzir sentido. Não há, segundo Saussure, uma motivação para que determinado conceito seja ligado à determinada imagem acústica como no exemplo proposto pelo genebrino: “a idéia de ‘mar’ não está ligada por relação interior



alguma à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante”. Ou seja, não há uma motivação intrínseca na relação significado (mar) e significante (m-a-r), seja ela de caráter social ou de caráter histórico, como era estudado segundo o método comparativista.

Para Saussure, sem a noção de arbitrariedade (o signo é arbitrário por excelência e não motivado), a ideia de valor¹ não seria sustentada, uma vez que se o signo fosse motivado nós teríamos um valor absoluto e, portanto, a língua seria uma nomenclatura (determinado signo estaria atrelado a determinado referente).

Já no que diz respeito ao estudo da linearidade do signo, parece-nos irrelevante levantar questões a respeito desta teoria, uma vez que Saussure enfatiza este conceito de linearidade no estudo da sincronia e diacronia, ficando evidente na sua teoria de sistema que a linearidade do significante é representada por uma extensão e essa extensão se constitui em uma linha com início, meio e fim.

O cerne da produção de sentido da teoria saussuriana está na ideia de língua enquanto sistema de signos. Percebemos que questões em torno do sistema norteiam o pensamento de Saussure para discussão dessa nova perspectiva de ver a linguística, ou seja, não mais pelo lado da abstração (crítica de Saussure ao modelo vigente em sua época de se estudar a língua – o comparativismo), mas sim encontramos a língua enquanto estrutura, movida por um sistema.

É necessário retomarmos algumas questões saussurianas em torno do sistema para podermos chegar à noção de valor da língua, a saber: relações sintagmáticas e relações associativas.

Relações sintagmáticas e associativas: a engrenagem mestra do Sistema da língua

Falando palavras, falamos de nós mesmos sem nos darmos conta de que ou do que exatamente falamos ou até de quem somos. As palavras nos dizem, nos silenciam, nos superam, falam de nós antes que possamos perceber que estamos sendo falados. Não são simples instrumentos de comunicação ou de expressão do pensamento e talvez por isso seja tão interessante estudá-las ou,

como disse Saussure (1996, p. 25), talvez seja este o lado mais interessante das palavras, do signo, o seu caráter mais essencial. Nas palavras do mestre: “O signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial; é, porém, o que menos aparece à primeira vista”. (NÓBREGA, 2008)

Partimos das observações das relações sintagmáticas e associativas, que entendemos como sendo os movimentos do signo no sistema da língua. Trata-se de duas relações distintas, porém indissociáveis, não sendo, portanto, possível estudar uma sem a outra. Se assim o fizermos, estaremos estudando apenas um dos lados do sistema linguístico.

É importante percebermos em Saussure, como já dizemos, a necessidade da visão de língua como um sistema, uma vez que, segundo o autor (2006), o elemento isolado na língua não tem nenhum valor e o que condicionará o real valor desse elemento (signo linguístico) é sua função, sua relação com outros elementos dentro do sistema, e esta relação se dá a partir dos movimentos do sintagma e do paradigma.

Na visão de Saussure, as relações sintagmáticas se realizam na presença (*in praesentia*), ou seja, dizem respeito ao encadeamento dos signos de forma linear. Essa extensão (com início, meio e fim) é fundante para questões de impossibilidade de realizarmos duas sequências fônicas, por exemplo, ao mesmo tempo. Essa relação exclui qualquer deslize da língua como, por exemplo, pronunciar duas palavras ao mesmo tempo, ou até mesmo partículas menores, como foi dito sobre os fonemas.

Essa relação em presença, que ocorre no ato da fala, exerce uma função de seleção limitadora da relação associativa, encadeando signos de forma que possam produzir sentidos. Esse encadeamento dos signos se dá pela relação de oposição entre eles, ou seja, um signo existe em oposição a outro signo, formando assim o encadeamento dos signos propostos na teoria da relação sintagmática. É na relação sintagmática que o discurso advém.

É através dessas relações de oposições que o autor deixa claro que a linguística não



trabalha com o signo isolado, mas com sua relação dentro de um sistema, para assim produzir sentido. Esta nova perspectiva proposta por Saussure entra em choque com a visão da língua em sua época, vista em uma perspectiva histórica.

Sobre as relações associativas, percebemos que estas apresentam a mesma importância das relações sintagmáticas no que diz respeito ao sistema linguístico, mas diferente do encadeamento do sintagma, as relações associativas ocorrem como um eixo infinito de produções, já que um signo pode ser associado a outros, por meio do som, sentido, grafia, etc. Podemos perceber isso mais claramente quando pensamos num signo linguístico como, por exemplo, “ensinamento”, que logo podemos associar a “ensino”, à “educação”, à “escola”, ou até mesmo associar a “armamento” pela presença do sufixo.

Segundo Saussure, a relação associativa ocorre em ausência, diferentemente da relação sintagmática que ocorre em presença. Essa ausência não implica a exclusão de algo e sim que essa relação ocorre na memória, por semelhança; é como se cada palavra pronunciada pelo sujeito fosse “escolhida” dentre outras palavras, semelhantes, organizadas na mente, em paradigmas. Como ressalta o autor:

Nossa memória tem de reserva todos os tipos de sintagmas mais ou menos complexos, de qualquer espécie ou extensão que possam ser, e no momento de empregá-los, fazemos intervir os grupos associativos para fixar nossa escolha. (SAUSSURE, 2006, p. 150-151)

É na afirmação do autor de que as relações associativas não estão excluídas da língua, mas, sim, aparecem no discurso como que por apenso, ou seja, na memória, que podemos estudar a produção de sentidos atrelada ao suporte teórico lacaniano. Podemos, assim, tentar compreender melhor algumas questões trazidas pela psicanálise, tal como uma fuga, um rompimento do significante, furando a barra do recalque, produzindo o que os psicanalistas chamam de “ato falho”, por exemplo.

Podemos dizer então que para Saussure as relações sintagmáticas e associativas são categorias linguísticas que estão na base do funcionamento do sistema da língua. O autor observa que essas categorias são distintas, mas indissociáveis, havendo, portanto, um vínculo de interdependência entre as relações que as condiciona reciprocamente.

Esses movimentos interdependentes ocorrem sempre por um processo de seleção da cadeia paradigmática para assim dar-se o processo de encadeamento, típico da relação sintagmática.

Essa seleção é realizada na “memória” através de um jogo de oposições que indicam, pela semelhança ou pela dessemelhança, que associações serão realizadas. Por sua vez, a relação sintagmática seleciona os signos que atendam à necessidade do discurso e encadeia-os de forma linear, também por um jogo de oposições, produzindo desta forma o sentido.

Salientamos que as relações associativas não devem ser lidas de forma excludente, uma vez que trazem em seu conceito a noção de “ocorrer em ausência”, logo devemos analisar essas relações a partir de um eixo vertical que ocorre na memória do sujeito, como que por apenso.

Nesse sentido, vale salientar que o princípio da arbitrariedade constitui esses movimentos, e é tomando as relações no sistema da língua que podemos pensar um lugar para o sujeito nesse processo, como podemos ver em Nóbrega:

O caráter arbitrário da língua é o que faz com que os sentidos, fugindo de certa forma a uma “escolha” ou a uma determinação direta do sujeito, sejam sempre susceptíveis de serem outros, constitutivamente polissêmicos. (NÓBREGA, 2004)

Ora, gostaríamos de enfatizar que não foi a intenção de Saussure teorizar sobre o sujeito, como também acreditamos que não caberia à linguística questões em torno do sujeito. Porém, é nesse campo teórico que poderia surgir, como assim fez Lacan, um lugar para o sujeito.

¹ Discutiremos mais à frente, no capítulo sobre o valor, questões em torno do valor linguístico.



Valor: uma peça fundante no “jogo” da língua

Seja qual for a sua natureza mais particular, a língua, como os outros tipos de signo, é, antes de tudo, um *sistema de valores*, e é isso que estabelece seu lugar no fenômeno. Com efeito, toda espécie de valor, mesmo usando elementos muito diferentes, só se baseia no meio social e na força social. É a coletividade que cria o valor, o que significa que ele não existe *antes e fora* dela, nem seus elementos decompostos e nem nos indivíduos. (SAUSSURE, 2004, p. 250).

Como já dissemos, a noção de valor em Saussure não pode ser vista de outra forma senão dentro do sistema². E o que isto representa para a teoria saussuriana?

Para explicar este conceito de valor, Saussure utiliza a metáfora do jogo de xadrez. Segundo ele, uma peça só se torna um elemento real e concreto do jogo quando revestida de seu valor e fazendo corpo com ele (SAUSSURE, 2006, p.128). De igual modo, os signos não podem ser considerados fora das relações que estabelecem uns com os outros dentro do sistema, advindo destas relações o valor de cada signo. Esta noção torna-se mais explícita se considerarmos a relação entre ideia e som.

Para Saussure, nem ideia nem som preexistem ao sistema, mas ambos só encontram sua determinação a partir da língua, que neste caso constitui-se como elemento organizador do pensamento. Portanto, o vínculo entre ideia e som é totalmente arbitrário, por isso, os valores são sempre relativos. A noção de arbitrário nos permite, assim, entender que é na coletividade que os signos estabelecem seus valores, ocorrendo aí dois tipos diversos de relações: uma que se refere ao plano das similaridades (eixo paradigmático) e outra que diz respeito ao plano da combinação linear e temporal de sons que se opõem (eixo sintagmático).

Para Saussure, sem a noção de arbitrariedade (o signo é arbitrário por excelência, não motivado), a ideia de valor não seria sustentável, uma vez que se o signo

linguístico fosse motivado nós teríamos um valor absoluto e, portanto, a língua seria uma nomenclatura (determinado signo estaria atrelado a determinado referente). Outra questão trazida pelo mestre genebrino é que o valor (como a língua) é um fato social, um indivíduo sozinho seria incapaz de fixar algum valor ao signo.

Saussure aponta ainda o fato de essa noção de valor necessitar de duas ordens: 1) dessemelhança; 2) semelhança. Ou seja: o valor de uma palavra dependerá das outras palavras (elementos linguísticos) que a rodeiam.

Ora, para quem estuda Saussure fica evidente que o mestre está convocando para a teoria do valor as relações sintagmáticas (que ocorrem por oposição dos signos no eixo linear, por dessemelhança) e as relações associativas (que ocorrem por semelhança, na memória do sujeito falante).

Tais relações são geradores de uma certa ordem de valor (valor *in absentia* e o valor *in praesentia*), por isso podemos falar em valores no plural. É por essa movimentação (dos valores) que Saussure quer chegar à noção de Valor, no singular, ou, segundo Bouquet (2000), o valor semântico.

Saussure (2006) enfatiza em várias passagens dos cursos de linguística geral que os valores só podem e devem ser tomados dentro do todo do sistema da língua. Aí é que está a relação entre a produção de sentido e o valor linguístico.

É na união e no funcionamento dentro do sistema, dos eixos vertical (paradigma) e horizontal (sintagma) que o sentido advém. Em outras palavras, vemos que, se não analisarmos o todo do sistema da língua (o entrelaçamento das relações associativas e sintagmáticas que geraram o valor semântico), não teríamos condições de entender a produção de sentidos na língua.

Lacan: o rebelde em busca da teoria do sujeito

Se Roland Barthes evoca uma imagem ondulante do estruturalismo, dir-se-á, no âmbito de uma análise binária própria do paradigma estruturalista, que

² Para uma discussão mais aprofundada sobre a importância da ideia de sistema para os estudos saussurianos, ver NÓBREGA (2004).



Jacques Lacan é a sua vertente abrupta, encarnação do pai-severo, empenhado sempre em alcançar o mais alto grau de cientificidade a fim de defender a prática analítica. Sua influência no período dos anos 60 vai ser espetacular, mas o essencial de sua obra é, no entanto, anterior, e quando os leitores descobrem Jacques Lacan em 1966 por seus *Écrits*, a ruptura em questão remonta, na verdade, ao começo da década de 50. O inconsciente está no centro do paradigma estruturalista e não somente pelo substancial progresso registrado pela prática terapêutica que é a psicanálise; vimo-lo em ação na antropologia preconizada por Lévi-Strauss e na distinção estabelecida entre linguagem e fala por Saussure. Essa importância atribuída ao inconsciente ao longo do referido período favorece a difusão de que Lacan se beneficiará. (DOSSE, 2007, vol. I, p. 139).

Começaremos esse nosso percurso partindo do caminho traçado por Lacan: buscar uma teoria que desse uma sustentação à criação de uma nova teoria sobre o sujeito da psicanálise.

Ora, somente numa teoria de língua que depende do funcionamento do sistema, como pensado por Saussure, é que dá margem à construção do pensamento lacaniano em torno do sujeito, ou seja, pensar na língua tendo como ponto de partida o sistema é colocar a língua como anterior ao sujeito, como bem disse Saussure (2006): “[...] a língua ou é social ou não é língua.”

Partir de uma língua que é social e, mais importante, que é anterior ao sujeito, permite pensarmos, como o fez Lacan, um sujeito como efeito dessa língua.

É seguindo esse fio condutor, essa deixa de Saussure, que Lacan irá propor uma teoria sobre o sujeito. Um sujeito que não é mais “dono de sua casa”, que é “dono do seu dizer”. Ora, só numa teoria de língua que a toma como anterior ao sujeito é que permite advir o sujeito lacaniano, que rompe com os paradigmas teóricos da época, o sujeito cartesiano.

Lacan vê na linguística saussuriana (considerada como ciência-piloto do movimento estruturalista) o campo teórico para fundamentar a teoria de um sujeito descentrado, clivado, não mais o sujeito que

“é porque pensa”, que “acredita que tem o domínio da língua”. Com os estudos de Saussure, percebemos uma língua que é anterior ao sujeito, ou seja, uma língua que só existe se for social.

Outra questão instigante é a noção de sistema que estrutura a língua a partir de movimentos dos eixos sintagmáticos e paradigmáticos. Dessa forma, vemos que é exatamente no pensamento saussuriano de uma língua que é estruturada pelo sistema que a linguística se torna um terreno fértil para as considerações lacanianas em torno do sujeito.

É nessa perspectiva teórica proposta por Saussure que Lacan encontrará não apenas um espaço, mas toda uma construção que permitirá seu aprofundamento nas releituras freudianas (como saussurianas também) envolvendo os movimentos de linguagem com os movimentos do inconsciente. É nesta trilha indicada por Lacan que traçaremos um diálogo entre os movimentos de linguagem, segundo Saussure, e os movimentos do inconsciente, segundo Lacan.

Metáfora e metonímia: movimentos do inconsciente na constituição do sujeito

Creio ter demonstrado que Freud partiu daí [isto é, da reconstrução completa da história do sujeito]. Para ele, trata-se sempre da apreensão de um caso singular. É isso que constitui o valor de cada uma das cinco grandes psicanálises. (...) O progresso de Freud, sua descoberta, está na maneira de tomar um caso em sua singularidade.

Tomá-lo em sua singularidade, que quer dizer isso? Quer dizer, essencialmente, que, para ele, o interesse, a essência, o fundamento, a dimensão própria da análise é a reintegração, pelo sujeito, de sua história, até seus últimos limites sensíveis, isto é, até uma dimensão que ultrapassa em muitos os limites individuais. (LACAN apud J.-D. NASIO, 2001, p. 28)

É nesta perspectiva de sistema, proposto por Saussure, que Lacan fundamenta sua teoria de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, decorrente das relações sintagmáticas e associativas, em que Lacan busca uma aproximação nas relações de metáfora e





metonímia, movimentos de linguagem que constituirão e produzirão sentidos no sujeito.

É preciso entender, inicialmente, a metáfora como uma identificação, como uma substituição de significantes e não como os retóricos a conceituam, uma comparação abreviada. Porém, Lacan atenta para o fato de que, em seu princípio, a metáfora designa alguma coisa por meio do nome de outra coisa, ou seja, essa substituição ou identificação não ocorre de forma arbitrária, mas em decorrência de preencher o vazio da falta do recalque primeiro.

A metáfora, por ser substituição, tem um processo semelhante ao que observamos na linguística saussuriana, na noção de relações associativas que, por sua vez, são processos que acontecem por similaridade, conforme Jakobson (1995) observou nos estudos das afasias.

Como descrevemos, acima, a metáfora como a substituição do significante em relação ao S¹ (significante originário – recalque originário), é necessário atentar para o processo que será discutido mais adiante: a constituição do sujeito. Lacan analisa a funcionalidade da metáfora, que está para o sujeito neurótico, uma vez que o sujeito psicótico é impossibilitado de realizar metáforas, já que o recalque original não é bem sucedido. Na psicose, a metáfora nunca se realiza totalmente, aparecendo apenas como uma metáfora delirante, como ressalta o psicanalista:

“... esse delírio pode até um certo ponto ser qualificado de loucura raciocinante, no sentido em que a sua articulação é lógica por certos aspectos, mas de um ponto de vista secundário.” (LACAN, 1988, p. 247)

É por ser vista de forma secundária que evidenciamos as articulações metonímicas num sujeito psicótico.

No que diz respeito ao estudo da metonímia, levantamos aqui as questões e definições pertinentes estudadas por Lacan para entendermos a metonímia como um movimento de linguagem que faz parte da formação do inconsciente.

Na etimologia da palavra, temos que a metonímia é a mudança de nome. O seu emprego na linguagem é para designar

uma transferência de denominação, através de relações (matéria entre o objeto; continente entre conteúdo; parte pelo todo). Mas a metonímia representa, para Lacan e Jakobson, diferente de uma perspectiva retórica, o encadeamento dos significantes. Para Lacan, ela é o fio condutor, aquela que está no ponto de partida da significação própria a cada sujeito, o que torna possível a realização da metáfora (LACAN, 1988).

A metonímia, como um processo de encadeamento de significantes, é semelhante às relações sintagmáticas estudadas na linguística saussuriana, ou seja, as relações de linearidade do signo.

O que podemos observar a respeito da teoria lacaniana do sujeito é que a estrutura do sujeito do inconsciente é fundamentada a partir da intervenção da metáfora do Nome-do-Pai, a castração. Entretanto, deixamos claro que ao tratarmos de “pai” ou “mãe” não estamos fazendo referência aos seres biológicos e sim a funções exercidas como “pai” e “mãe”, ou seja, qualquer corte existente entre o bebê e a mãe, como por exemplo: o trabalho, o pai biológico, a própria mãe, algum evento etc. Sendo assim, ao aceitar a intervenção paterna, a criança deixa de ser o desejo do desejo do Outro, a mãe, identificando-se com o objeto deste desejo, ou seja, o *fálus* (LEMAIRE, 1989).

É necessário entendermos *fálus* não como o sexo real, biológico, mas como uma metáfora que represente o poder. Esta relação *mãe-bebê-fálus* ocorre pelo que Lacan diz que é a falta fundante do sujeito, ou seja, se não ocorre a separação, ou castração, imposta pelo Pai, a criança continua sendo uma “extensão” da mãe, o *fálus* que ela não possui. Quando há a castração, a criança deixa de ser o objeto do desejo da mãe e passa a desejar ter o *fálus*. Salientamos que este processo chamado “castração” só ocorre a partir de uma aceitação por parte da criança junto à mediação da mãe, permitindo que o pai/função exerça a lei interventora e, por conseguinte, castrando o filho. Para isso, é importante que a mãe e a criança reconheçam a voz do pai/função como uma Lei, evidenciamos que esta aceitação e



reconhecimento da criança e da mãe não ocorrem de forma consciente.

Esse reconhecimento por parte da mãe será essencial ao acesso da criança ao simbólico (linguagem) pela metáfora paterna, pois se a mesma reconhece o pai/função como a Lei, a criança terá êxito no processo de castração, instalando-se o recalque originário e, assim, constituindo-se como um sujeito neurótico. O não reconhecimento por parte da mãe dessa Lei interventora, condicionará a exclusão do Nome-do-Pai, acarretando, assim, a criança a permanecer identificada ao *fálus* e se submetendo ao objeto de desejo da mãe, constituindo-se como um sujeito psicótico. Devido a essa recusa da Lei a criança fica presa ao Real, não conseguindo dessa forma simbolizar as coisas.

A psicanálise chama, então, de “castração” o efeito interventor, ou seja, de recalque, que é elementar na constituição do sujeito, a partir da aceitação ou exclusão desse recalque. É sabido que o sujeito estrutura-se como neurótico e como psicótico através dessa ordem interventora.

Segundo Pimenta (2005), é também o fracasso da metáfora paterna, ou seja, o recalque originário, que produz no psicótico a incerteza quanto à sua individualidade, levando-o a confundir-se com a coisa, ou com o nome da coisa. É por esta identificação com a coisa ou o nome da coisa que percebemos presente na linguagem do psicótico a presença marcante do pronome de terceira pessoa “ele”, como podemos ver em Lemaire:

“Vêm-se, em psicanálise de casos de criança, certas experiências bem particulares de relação com os pais, que anularam esta intuição de individualidade e bloquearam, por este mesmo fato, o acesso à linguagem e ao Eu. Trata-se de casos de psicose. Aliás, observa-se nos psicóticos o uso abundante do “Ele” para designação de si. O psicótico, incapaz de circunscrever a si mesmo, vê-se como um outro, como uma coisa do mundo sobre a qual profere os enunciados na terceira pessoa.” (LEMAIRE, 1989, p. 98)

No que concerne à função paterna, ela está no centro da questão do Édipo, considerada representante de uma fase, mas

Freud deixa claro que o que se passa antes do Édipo tem sua importância, chamado de campo pré-edípico, em que se reúnem questões da perversão e da psicose (Cf. LACAN, 1999). Vale ressaltar que o advento do simbólico ocorre exatamente pelo Édipo.

Lacan faz uma releitura bem sucedida das atestações freudianas sobre o complexo de Édipo, afirmando que na medida em que a criança deseja a mãe e tem o pai como um rival, pode-se considerar o fenômeno edípico como sendo o primeiro ato agressivo da criança contra o intruso, o pai.

É no complexo de Édipo que a criança se humaniza tomando consciência de si, do mundo e dos outros. Ocorrendo o acesso ao Nome-do-Pai, instaurar-se-á o declínio do Édipo, em que a criança deixa de Ser o *fálus*, que é objeto de desejo da mãe, e passa a desejar Ter o *fálus*, que é representado pelo pai.

Esse efeito de resolução do Édipo libera o sujeito, dando-lhe, com o Nome e o lugar na constelação familiar, o significante originário de si, a subjetividade, como bem afirma Lemaire (1989).

Havendo o fracasso do recalque originário e, portanto, o fracasso da entrada do sujeito no Simbólico, ocorrerá a ancoragem do sujeito no imaginário tomado por uma realidade e, por conseguinte, na não-distinção entre significante e significado, fenômeno esse que Lacan irá chamar de *forclusão*. Conforme Lemaire:

O fenômeno de *forclusão* em Lacan é o que distingue a psicose da neurose. Define-se pelo fracasso do recalque originário e, portanto, pelo fracasso na entrada do simbólico ou na linguagem. O sujeito permanece ancorado no imaginário, tomado por real, ancorado na não-distinção entre significante e significado, quer o significante seja privilegiado e tomado no seu sentido literal fora de qualquer operação referencial à sua dimensão de símbolo, que o significado tenha a prevalência.” (LEMAIRE, 1989, p. 131)

Sobre a constituição neurótica, destacamos que nela verifica-se a ocorrência de forma bem sucedida do acesso ao Simbólico (o mundo da linguagem) por parte do sujeito, através da intervenção da metáfora



do Nome-do-Pai. Essa constituição será marcada pelo recalque originário.

Percebemos que apesar do psicótico não ter tido acesso ao Simbólico (linguagem), ele está fora do discurso, mas não fora do mundo da linguagem. Portanto, podemos verificar que o sistema linguístico age através das relações de encadeamento e associação presentes nas falas de um sujeito psicótico, havendo a possibilidade de uma linearidade da língua e uma seleção de signos propostos no sistema linguístico do sujeito, produzindo sentido.

O recalque é o interdito de certo conteúdo à consciência, o qual, fortemente investido, pode manifestar-se disfarçadamente sob a forma de sintoma (PIMENTA, 2005). Portanto, o castrado é um sujeito que adveio na linguagem e, desta forma, o sujeito se constitui na falta, que é para Lacan o elemento constitutivo do sujeito para uma estruturação neurótica.

Segundo Lemaire (1989, p. 112): “o acesso ao simbólico salda-se pelo que Lacan chamou de ‘divisão do sujeito’, pela perda de uma parte essencial dele mesmo, pois no simbólico o sujeito não pode ser se não representado, traduzido”.

É justamente nesta falta e nas representações que o sujeito realizará os movimentos da linguagem, a metáfora e a metonímia, sempre numa tentativa de substituição do que foi recalçado, o que Lacan chama de S^1 , por se tratar do primeiro significante.

Assim sendo, o sujeito será efeito do significante S^1 e não causa, e devido a isso a formação dos sujeitos será heterogênea, uma vez que o processo de acesso ao Simbólico é o mesmo para todos os indivíduos, mas ocorre de forma muito singular em cada um, e esta individualidade será sempre marcada pelos deslizamentos, ou seja, pelo movimento que os significantes assumirão em decorrência do S^1 .

Cinema: um ponto de encontro entre os movimentos de linguagem e do inconsciente

O bom filme é aquele que permite mais de uma leitura, conforme a época e o público a quem está se

dirigindo, e o mau filme é o que não passa de uma primeira leitura. (DANEY apud GUIMARÃES, 2004, p. 09).

Trazemos o cinema para o nosso trabalho não pelo viés da semiótica ou outro estudo da linguagem cinematográfica, mas como um sistema que nos serve à aplicação das teorias linguísticas saussuriana e psicanalítica lacaniana. Salientamos que a análise busca inferir dos crimes cometidos pelo assassino do filme os movimentos de linguagem, como deslizamentos (metáfora e metonímia), tanto do ponto de vista da linguística como do ponto de vista da psicanálise, e que esses movimentos/deslizamentos serão elementos constituintes de sujeito.

Realizaremos, neste momento da discussão, uma breve introdução do filme *Seven*. O personagem (sujeito) central do filme é John Doe, ele transgride as leis da racionalidade e decide por conta própria, como instrumento divino de purificação, banir os pecados mundanos que assolam a humanidade. Na busca desta “pregação” religiosa o sujeito realiza uma contínua ação criminosa para que sirva de exemplo/espelho para os outros indivíduos, desencadeando assassinatos em série que chocam a polícia local.

Ressaltamos, aqui, que a proposta não é traçar de forma decisiva o perfil do sujeito, muito menos enquadrá-lo num perfil clínico de psicose, neurose ou perversão. Mas, sim, perceber os movimentos de linguagem que desenham as cenas dos crimes sempre permeadas por uma constituição de sujeito, John Doe.

Relações dos personagens no filme e suas representações: significante e sujeito

Podemos observar no filme *Seven* que o mesmo significante – morte – desliza pelas diversas cenas envolvendo os personagens do filme, sacrificados por John Doe à morte, constituindo, portanto, cada sujeito de uma forma diferente.

Verificamos na relação da vítima com o crime, que Doe realiza associações que o levam a escolher a vítima que melhor se encaixa nos seus propósitos, ou seja, como esse deslizamento do significante leva Doe a escolher suas vítimas e ao mesmo tempo



como esses sujeitos (vítimas) se posicionam diante deste significante/morte.

Da análise

Na análise do filme *Seven*, percebemos a superioridade do significante sobre o sujeito, fenômeno este comprovado pelo elemento que guia o sujeito Doe. De mesma forma esse significante que move Doe será determinante para imolação das vítimas e também guiará os policiais na busca de entender o assassino e seus crimes.

Para a análise partiremos do ponto que Lacan conceitua como fio condutor, ou seja, a metonímia. Esta está presente no ponto de partida da significação própria a cada sujeito (LACAN, 1988). Observamos, então, os movimentos metonímicos realizados pelo sujeito John Doe, para assim chegar à significação da realização da metáfora.

Inicialmente percebemos a importância da linearidade temporal construída pelo sujeito Doe nos atos das mortes, uma vez que as mortes são reveladas nos sete dias da semana, tendo sua apoteose com a morte da inveja no sétimo dia (domingo). Notamos nessa visão eclesial, que esse encadeamento de dias/mortes não é arbitrário para o sujeito, John Doe. Há presente aí toda uma produção de sentido que explicitaremos mais adiante.

O filme traz diversos personagens que se movem de acordo com suas relações com os pecados capitais e esta movimentação torna-se o ponto principal da narrativa. Toda a movimentação começa quando o sujeito Doe se considera um pregador divino, escolhido pelo superior, Deus (Grande Outro), que por meio da atribuição, ou seja, o arrependimento forçado e não por amor a Deus, se inscreve como justiceiro, como podemos perceber na fala de Doe: "Pra você é mais conveniente me rotular como louco... Não é algo que eu espere que você aceite. Mas eu não escolhi. Fui escolhido." (SEVEN, 1995).

Segundo a análise que realizamos a respeito do personagem John Doe do filme *Seven*, a morte, por atribuição, ocupa a função de um significante que desliza em relação ao significado que suas vítimas assumem. Os sujeitos do filme são movidos em relação ao desejo/missão de purificação dos pecados capitais, ou seja, a morte/castigo é responsável pela movimentação dos sujeitos.

Assim sendo, podemos dizer que os sujeitos se movem a partir do significante morte, e este só existe entre significados, pois a realização de purificação só ocorre em relação às vítimas, ou seja, o significante morte que move Doe precisa relacionar-se com a significação que o mesmo significante morte exerce nas vítimas.

A presente análise busca inferir da construção do personagem John Doe, um arquétipo que é proposto para personagens ditos psicóticos. Salientamos aqui que nossa intenção não é traçar um perfil segundo a clínica psicanalítica lacaniana e sim analisar como o sujeito psicótico é construído no cinema.

Destacamos o material de análise manifesto que, apesar de óbvio, não pode ser desconsiderado. John Doe mostra-se um indivíduo *violento, solitário, que vive a margem da sociedade* e um destaque para o detalhe de ser *um cidadão sem identidade civil*. Discorreremos a seguir sobre cada característica manifesta:

Violência – Doe apresenta um conteúdo nos crimes que comete banhados de muita violência, uma vez que inicia seus crimes sempre com tortura, para depois poder matar suas vítimas. Traremos um breve resumo dos crimes para exemplificar essa violência cometida por Doe.

- No primeiro crime, o da Gula, Doe força a vítima a comer incessantemente macarronada com o intuito de explodir de tanto comer. Uma vez que a vítima se nega a comer ele o ameaça com uma arma, forçando-o a ingerir o alimento. Devido à recusa da vítima, Doe mistura na comida farpas do assoalho para que o estômago seja perfurado.
- No segundo crime, o da Cobiça, Doe propõe que a vítima se mutila, arrancando pedaços de carne do próprio corpo, como forma de punição pelos apegos materiais. Como a vítima se recusa a cumprir as ordens de Doe, o assassino amarra-o numa posição de submissão e arranca-lhe pedaços do corpo e deixa-o sangrando até a morte.
- No terceiro crime, o da Preguiça, Doe amarra a vítima sobre uma cama e priva-o de comida, luz e água, deixando-o padecer por um ano, isolado de tudo.
- No quarto crime, o da Luxúria, o assassino faz com que a prostituta transe com um cliente a força, mas com um detalhe violento: está preso ao



homem um falo metálico afiado como uma lança, penetrando e perfurando a vítima até a morte.

- No quinto crime, o da Vaidade, Doe desfigura o rosto de uma modelo, dando-lhe a chance de sobreviver com o rosto deformado ou, então, morrer dormindo sob o efeito de remédios.

- O sexto crime, o da Inveja, o assassino, Doe, é a própria vítima deste pecado e para alcançar a redenção Doe força o policial a matá-lo, entregando ao detetive um presente: a cabeça, que fora degolada, de sua esposa que estava grávida.

- O sétimo crime, o da Ira, ocorre de forma metafórica, uma vez que apesar de não matar a vítima (o policial) Doe tortura-o, revelando para o policial a morte da esposa que estava grávida. Esta morte é social, ou seja, o policial não morre de fato, mas perde toda a vida que tinha: casamento, filho, carreira e a paz.

Solidão – Percebemos no decorrer da história que Doe era um indivíduo sem parentes, amigos, profissão. Vivia isolado em seu apartamento rodeado de livros proféticos e imagens dos crimes que cometera. No entanto, ressaltamos que esta solidão é de ordem social, pois suas vítimas e Deus (que o escolhera para este ato de “purificação”) eram suas eternas companhias.

Sujeito marginal – Doe é revelado como um indivíduo que, por não possuir laços sociais e viver à deriva destes, coloca-se num lugar a margem da sociedade, uma vez que passa despercebido e, por isso, julga a sociedade digna de ser purificada. Para tentar ser notado, Doe revela para a polícia e para a mídia, e conseqüentemente toda a população, o seu recado e seus atos proféticos, demonstrando dessa forma uma necessidade de reconhecimento social.

Identidade – Sobre este traço da construção da personagem, percebemos um ato, aparentemente contraditório. Vejamos: ao mesmo tempo em que Doe busca um reconhecimento por parte da sociedade, ele transgride o seu desejo e mutila-se, cortando exaustivamente seus dedos para não deixar traços de suas impressões digitais. Salientamos que é a partir das impressões digitais que Doe seria identificado como indivíduo para a sociedade. Porém, no

decorrer do filme o personagem nos revela que seus atos foram minuciosamente pensados para um feito maior: a pedido de uma voz superior, Doe tenta purificar a humanidade dos pecados que a assolavam e assim obter o reconhecimento e a nomeação desejada e instituída: o Purificador, enviado por Deus.

Devido às limitações impostas pelas normas do periódico, elegemos dois crimes cometidos por Doe para exemplificar os movimentos de linguagem e inconsciente a partir das teorias estudadas.

Da Gula

O primeiro crime a ser revelado é o da morte pelo excesso de comida, a gula, o obeso, o gordo, representativo do crime que merecia purificação.

Observamos, na cena do crime que o indivíduo padecia sobre um prato de macarronada, quase que como um Narciso mergulhado no seu desejo. Percebemos na análise os deslocamentos metonímicos presentes nos significantes “comida”, “tortura sem pressa”, “prazer no sofrimento”, culminando na morte, e por sua vez no movimento de metáfora em que encontramos presente na substituição do sujeito gordo pelo significante gula.

Vemos esta relação como Lacan fez para exemplificar a metáfora: “*Sa gerbe n’était point avare, ni haineuse* – Victor Hugo. Aí está uma metáfora.” (LACAN, 1988, p. 248). Metáfora esta analisada por Lacan:

É pelo fato de que o feixe é o sujeito de avaro e odiento, que ele pode ser identificado com Booz em sua falta de avareza e em sua generosidade. É pela similaridade de posição que o feixe é literalmente idêntico ao sujeito Booz. (LACAN, 1988, p. 249)

Constatamos o seguinte movimento linear (cadeia significante) que para Lacan está para a metonímia e que para a teoria da língua enquanto um sistema de signos estaria para o sintagma:

vítima → comida → tortura → desejo
→ sofrimento → morte.

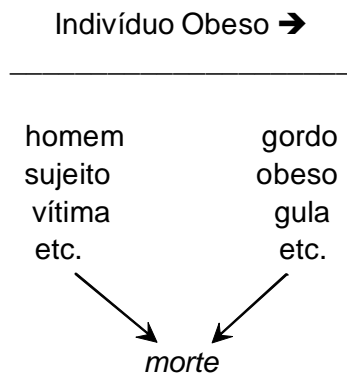
Essa estrutura da cadeia linear do deslizamento, movimento metonímico,



desemboca na formação da metáfora presente na morte, uma vez que é a pela metonímia que se torna possível à realização de uma metáfora. A morte da gula é substituída pela morte do sujeito obeso, que é representativo da gula.

Relação Obeso – Gula, na perspectiva de John Doe

O personagem obeso é representativo para Doe como indivíduo da gula, por seus traços físicos e o seu descomedimento em relação à comida. Daí a possível associação que John Doe realiza. Salientamos que o processo de associação ocorre o eixo paradigmático da língua, enquanto:



É nesta perspectiva que a significante morte direciona Doe a escolher sua vítima e exercer sobre ela a missão de purificação do pecado carnal, obedecendo à voz superior que lhe guia.

Por outro lado, constatamos que o significante morte exerce outra influência sobre o sujeito (vítima), uma vez que este se recusa a exercer o papel que lhe é esperado, comer até a morte. É aí nesta ruptura do que é esperado, a “normalidade”, que o sujeito se inscreve.

É nesta postura do sujeito que percebemos que o significante morte desliza de formas distintas no sujeitos. Para Doe, este movimento substitutivo assume a representação de purificação, enquanto que para a vítima o movimento de substituição assume o caráter de punição.

A recusa em aceitar a morte causa em Doe o prazer na tortura, uma vez que este leva até as últimas conseqüências o seu “dever” de justiceiro, causando, não mais de

forma “natural”, a morte, e sim a partir de um ato perverso, agredindo a vítima na região do estômago, para que esta estoure por dentro, levando-a a morte por atrição.

É nesta perspectiva que a significante morte direciona Doe a escolher sua vítima e exercer sobre ela a missão de purificação do pecado carnal, obedecendo à voz superior que lhe guia.

Por outro lado, constatamos que o significante morte exerce outra influência sobre o sujeito (vítima), uma vez que este se recusa a exercer o papel que lhe é esperado, comer até a morte. É aí nesta ruptura do que é esperado, a “normalidade”, que o sujeito se inscreve.

É nesta postura do sujeito que percebemos que o significante morte desliza de formas distintas no sujeitos. Para Doe, este movimento substitutivo assume a representação de purificação, enquanto que para a vítima o movimento de substituição assume o caráter de punição.

A recusa em aceitar a morte causa em Doe o prazer na tortura, uma vez que este leva até as últimas conseqüências o seu “dever” de justiceiro, causando, não mais de forma “natural”, a morte, e sim a partir de um ato perverso, agredindo a vítima na região do estômago, para que esta estoure por dentro, levando-a a morte por atrição.

Da Preguiça

No que concerne à linearidade temporal, a morte é revelada na quarta-feira (3º dia). O terceiro crime a ser revelado é o da morte pelo excesso de preguiça, pela acídia, pela divagação da mente, mais um crime que merecia purificação, segundo Doe. Percebemos na cena do crime que o indivíduo estava preso a sua cama por um ano, definhando a cada dia.

Destacamos os deslocamentos metonímicos presentes nos significantes “criminoso”, “desprezo pela vida”, “sofrimento”, “imobilidade”, culminando na morte, e por sua vez no movimento de metáfora em que encontramos presente uma substituição do sujeito ocioso pelo significante preguiça.



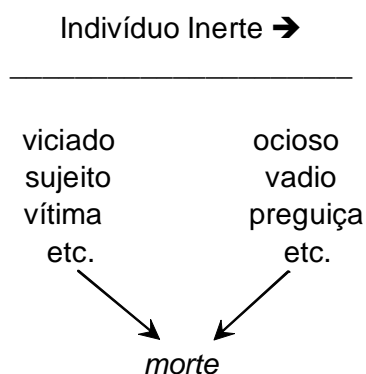


Constatamos o seguinte movimento linear (cadeia metonímica) que para linguística saussuriana estaria no âmbito das relações sintagmáticas, em que os signos se encadeiam um após os outros:

vítima → criminoso → sofrimento → tortura → desejo → mutilação → morte.

Relação Usuário de droga – Preguiça, na perspectiva de John Doe

O personagem Victor se envolveu em crimes, livrando-se da punição devida com a ajuda de um advogado corrupto (vítima da cobiça). Como Victor nunca buscou viver dignamente e trabalhar para manutenção de sua vida é representado para o assassino como o indivíduo da preguiça. Percebemos então a possível relação associativa realizada por Doe para enxergar em Victor a representação da preguiça:



Constatamos que o significante morte exerce outra influência sobre o sujeito (vítima), uma vez que este se recusa a exercer o papel que lhe é devido, aceitação da morte. Percebemos aí uma ruptura do que é esperado, já que Victor decide levar sua vida até os últimos dias, mesmo passando fome, sede e definhando com o passar dos meses. Vale ressaltar que Doe sentia prazer com aquela cena depreciativa e registrava o estado fétido de Victor a cada mês.

É nesta recusa de aceitar a morte que vemos o significante morte deslizar novamente de maneira distinta no sujeito Victor. Como punição pela recusa da vítima, de aceitar o seu destino, Doe castiga-lhe entregando-o aos policiais ainda com vida, porém em estado crítico de saúde.

Considerações finais

Após a análise e discussão que levantamos aqui, vemos que a constituição do sujeito John Doe se dá em relação à posição assumida por este diante do significante morte. Nesse sentido, como vimos anteriormente, o posicionamento do significante exerce influência diante dos sujeitos de formas diferentes, é por isso que dizemos que o sujeito é *efeito* do significante S¹ e não *causa*, já que o processo de acesso ao Simbólico (linguagem) ocorrerá de forma distinta em cada indivíduo.

Assim, muito embora os sujeitos possuam um lugar na língua, percebemos que esta relação ocorre de maneira distinta, e é por isso que analisamos sempre os movimentos de linguagem segundo a perspectiva de John Doe e nas perspectivas das vítimas.

É necessário enfatizar, nestas conclusões a que chegamos, a relação intrínseca existente entre os movimentos de metonímia e de metáfora, processos estes que constituirão o sujeito, revelando, assim, a forma como cada um se inscreve diante da posição assumida pelo significante morte.

Nesse enfoque, destaca-se, ainda, o papel fundamental desta análise, que é perceber como ocorrem os deslizamentos (movimentos) de linguagem em cada sujeito e não enquadrá-los em uma situação clínica.

Doe apresenta um conteúdo, nos crimes que comete banhados de muita violência, uma vez que inicia seus crimes sempre com tortura, para depois poder matar suas vítimas. Os atos cometidos marcam bem a inscrição do sujeito a partir dos deslizamentos do inconsciente.

Percebemos no decorrer da história que Doe era um indivíduo sem parentes, amigos, profissão. Vivia isolado em seu apartamento rodeado de livros proféticos e imagens dos crimes que cometera. No entanto, ressaltamos que esta solidão é de ordem social, pois suas vítimas e Deus (que o escolhera para este ato de “purificação”) eram suas eternas companhias.

Além disso, como característica desse sujeito que vem sendo revelado no decorrer do filme encontramos um indivíduo que por não possuir laços sociais e viver à deriva destes, coloca-se num lugar a margem da sociedade, uma vez que passa despercebido e por isso julga a sociedade digna de ser purificada. Para tentar ser notado, Doe revela para a polícia e a mídia local, e conseqüentemente toda a população, o seu



recado e seus atos proféticos, demonstrando dessa forma uma necessidade de reconhecimento social.

Percebemos, portanto, que é possível fazer uma aproximação entre a linguística saussuriana e a psicanálise lacaniana, além de entender, ou melhor, de ter uma melhor compreensão desta estrutura que Lacan diz ser a do inconsciente e que ele mesmo afirma ser semelhante a uma estrutura de linguagem.

Pensar numa teoria que propõe a língua enquanto um sistema de signos é perceber os movimentos de linguagem (sintagma e paradigma) que se assemelham, no que diz respeito ao funcionamento dentro de um sistema, aos movimentos do inconsciente (metonímia e metáfora).

Observamos nos nossos estudos que foi necessário encontrar em Saussure uma teoria que dá lugar de primazia e anterioridade à língua, para podermos pensar numa constituição de sujeito que é anterior ao indivíduo.

Ressaltamos ainda que pensar num sistema que atende ao funcionamento da linguagem – como um todo – nos deu espaço para analisarmos teorias tão complexas como a linguística e a psicanálise através da linguagem do cinema, que se encaixou de forma não serena, mas possível nessa nossa proposta de articulação entre a linguística, a psicanálise e o cinema, como mecanismo de se fazer entender o sistema da língua e do inconsciente.

AT THE MOVIES WITH SAUSSURE AND LACAN: THE SYSTEM MOVING THE LANGUAGE AND THE UNCONSCIOUS

ABSTRACT:

This research contributes to the approach that we make between Saussurian linguistics and Lacanian psychoanalysis, with a better understanding of this structure that Lacan claims to be that of the unconscious, and that he even assures to be similar to the structure of language. This work reviews the movie, according to the theories proposed by Saussure (syntagmatic and associative relations) and Lacan (movements of metaphor and metonym). We stress that our analysis tries to infer from the crimes committed by the killer (subject) in the film Seven, by David Fincher, the movements of language, such as slippages, both in terms of linguistics and from the point of view of psychoanalysis.

Keywords: linguistics; psychoanalysis; cinema; subject.

Artigo submetido para publicação em: 29/05/2010

Aceito em: 23/08/2010

REFERÊNCIAS

- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- LACAN, Jacques. O Seminário, livro 3, **As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- _____. O Seminário. Livro 5. **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- LEMAIRE, Anika. **Jacques Lacan: uma introdução**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- NASIO, J. – D. **Os Grandes Casos de Psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- NÓBREGA, Mônica. “A língua como sistema de signos: Saussure e seu trabalho com a produção de sentidos”. In **GRAPHOS**. João Pessoa: Idéia. Volume 6, número 2/1, 2004.
- NÓBREGA, Mônica. Sujeito e sistema em Saussure: uma relação possível?. In.: **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 06, p. 02, 2008.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Bras. Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SEVEN os sete pecados capitais. Direção: David Fincher. Produção: Arnold Kopelson Phyllis e Carlyle. Intérpretes: Morgan Freeman; Brad Pitt; Gwyneth Paltrow; Kevin Spacey e outros. Roteiro: Andrew Kevin Walker. New Line Cinema, 1995. 1 DVD (127 min), widescreen, color.
- PIMENTA, Shyrley. 2005. **Rev. da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro**, SPTM, V. 9.1 n. 1 Jan / Jun.